

O TEMA DA AMERICANIDADE NOS POEMAS DE *FALENAS* DE MACHADO DE ASSIS (1839-1908). Fabiana Gonçalves, Luiz Roberto Velloso Cairo. Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

O presente trabalho é fruto do projeto “O instinto de americanidade na poesia de Machado de Assis (1839-1908)”, e tem por objetivo o levantamento, a leitura e a análise dos poemas que tratam do tema da *americanidade*, sentimento de orgulho e apreço ao continente americano, pertencentes ao livro *Falenas* (1870) do referido poeta. Ao mesmo tempo em que se busca o “reconhecimento” dos poemas “americanos”, tem-se como meta uma reflexão do que seja esse instinto e suas diversas formas de manifestação.

Tais apontamentos começaram a ser verificados a partir do contato que se teve com o material de pesquisa, o que envolveu inicialmente a leitura dos poemas de *Falenas* e, em seguida, passando à pesquisa propriamente dita, foram selecionados os poemas considerados “americanos”. Paralelamente a esse estudo, foram realizadas leituras e fichamentos de textos relacionados à fortuna crítica do autor, de textos de apoio à pesquisa e de textos referentes à metodologia da pesquisa arrolados na bibliografia.

Nesse início de investigação os estudos foram realizados visando uma maior compreensão acerca do instinto de americanidade e suas possíveis formas de expressão no livro *Falenas* de Machado de Assis. O ponto de partida foi a intrigante questão acerca do instinto de americanidade nas obras de escritores brasileiros, especialmente na obra do escritor Machado de Assis, justamente por sua posição de defesa no que tange às formas de expressão de uma literatura que se pretende genuína e nacional, em especial de uma literatura ainda em formação, como era o caso da brasileira. Tomando emprestado o argumento do escritor fluminense relacionado à questão do que realmente a literatura necessitava para ser considerada genuinamente nacional, foi possível tecer alguns comentários sobre os poemas de *Falenas*, objeto do presente estudo. Disse Machado em seu “Instinto de nacionalidade”:

Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país. [...]. Há nela um instinto que leva a aplaudir principalmente as obras que trazem os toques nacionais. (Coutinho, org., 1959, p.815)

Como pode ser observado no trecho supracitado, Machado de Assis apreciava as obras que representavam os aspectos que constituem o instinto de nacionalidade e por extensão de americanidade, no entanto, não cedeu explicitamente espaço para eles em *Falenas*, a questão é que o ensaísta de 1873 mais adiante nesses mesmos apontamentos revelou:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu País, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e espaço. (Coutinho, org., 1959, p.820)

Diante disso, percebe-se que em *Falenas* prevaleceu a tentativa do autor em representar seu país da maneira como ele próprio viria a retratar em 1873 em seu ensaio intitulado “Instinto de nacionalidade”, ou seja, manifestando seu sentimento íntimo. Todavia, seria ingênua a afirmação de que somente os sentimentos íntimos estariam presentes em *Falenas*, mesmo porque, como já fora citado, há muitos poemas que esteticamente apresentam construções realizadas por meio de elementos da natureza; metáforas, comparações, rimas, enfim, são vários os momentos em que a paisagem americana é lembrada pelo poeta. Além, do inquestionável “americano” “Manhã de inverno”.

Em relação a sua forma, “Manhã de inverno” é composto por trinta e dois versos distribuídos em oito quartetos. Sem deixar espaço para a mínima falha, o poeta empregou as rimas ABCB em todos os quartetos, e em cada um deles as rimas são apresentadas de forma particular. O vocabulário utilizado; muitos substantivos, às vezes acompanhados de adjetivos, cujas características nos remetem ao clima tropical do Brasil, colaboram para o sentido global do texto que é a louvação do clima e da natureza brasileiros.

Essas palavras são encontradas durante toda a composição do poema: *aurora; sol; luz brilhante; folhas; laranjeiras; flores; planta; pássaros; esplêndido cenário*. Ao dizer que a planta chega a se curvar devido ao fato de estar muito florida *Erma de flores, curva a planta ao colo*, provavelmente o eu lírico estava falando do país “americano”, uma vez que no Brasil as árvores com flores são mais comuns do que na Europa. A idéia de orgulho de “estar” e “pertencer” à América encontra respaldo em versos inteiros e atinge seu ápice em quartetos que se limitam em apenas cantar enaltecendo a paisagem americana. Dentre esses versos, os mais expressivos são: *Canta a orquestra dos pássaros no mato*; nesse verso o eu lírico compara os pássaros da natureza brasileira com uma orquestra, ora, não é de bom tom e nem comum, uma orquestra que desafine, e termina o mesmo quarteto em que se encontra esse verso dizendo *E a divina comédia invade a cena*.

Em relação aos quartetos, podem ser mencionados o quinto e o sétimo, exatamente por suas claras exaltações ao cenário americano: *Gelo não cobre o dorso das montanhas, /Nem enche as folhas trêmulas a neve; /Galhardo moço, o inverno deste clima/ Na verde palma a sua história escreve./ Sobe de todo o pano; eis aparecel/ Da natureza o esplêndido cenário;/ Tudo ali preparou cos sábios olhos/ A suprema ciência do empresário*. Com a metáfora que diz ser o inverno ao qual se refere um “galhardo moço”, o eu lírico esclarece que não está retratando qualquer inverno, trata-se, na verdade, de um inverno mais ameno e positivo. A idéia é finalizada com os versos seguintes, cujos sentidos se completam, formando um “enjambement”; nesses versos, diz o eu lírico que aparece um cenário esplêndido da natureza e que tudo fora criado sabiamente pela ciência do empresário.

Por fim, vale ressaltar o último quarteto do poema que vem logo após os versos acima mencionados, mais especificamente o último verso desse poema: *E a divina comédia invade a cena*. Nesse momento, pode-se considerar que há uma referência à obra *Divina Comédia* de Dante Alighieri (1265-1321), mas precisamente ao poema *Paraíso*. Com essa referência, o eu lírico compara a natureza de sua região ao *Paraíso* de Dante, ou seja, por meio dessa alusão, a idéia de louvação e orgulho ao “berço” que se pretendeu desenvolver até aqui, agora de forma mais contundente, é expressa.

No término desse primeiro vôo conduzido pelas asas de *Falenas* chega-se a conclusão de que o *instinto de americanidade*, cujas características são: orgulho do “berço”/América, apreço ao continente americano, indianismo/indigenismo e nacionalismo, esteve presente em alguns poemas do livro de 1870 de Machado de Assis, embora suas manifestações não sejam demarcadas tão explícita e abundantemente.

Outro fator que chamou atenção no encerramento desta primeira parte do projeto foi a significativa mudança quanto à classificação conferida à obra em verso do escritor Machado de Assis. Contrariando aquela velha opinião de que seus poemas compõem sua obra menor, não foram raras as observações de estudiosos de literatura brasileira que o classificam como um exímio poeta também. Por um lado, essas constatações nos revelam que a poesia de Machado de Assis carece de uma maior atenção, por outro, nos indica que merecidamente o preconceito quanto a sua obra poética vem sendo diminuído.

Tanto assim, que a pesquisa fecha o panorama sobre *Falenas*, mas não coloca uma fechadura na porta, ao contrário, sempre que necessário serão realizadas outras visitas a esses poemas, cujas características tanto do *instinto de americanidade* quanto de outros “instintos” ainda são pouco estudadas.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Benedito. - Machado de Assis! – Presente... *Proleitura*, Assis, SP, ano 5, n. 21, p. 10-11, ago. 1998.

ANTUNES, Benedito. Nosso Kaspar. *Proleitura*, Assis, SP, ano 5, n. 21, p. 7, ago. 1998.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. (Org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1962, 2ª ed., 3 v.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. (Org. Afrânio Coutinho) Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1997, 9ª ed., 3 v.

AZEVEDO, Sílvia Maria. A formação de um escritor: Machado de Assis da “1ª fase”. *Proleitura*. Assis, SP, ano 5, n. 21, p. 8, ago. 1998.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Poesias Completas*. (Org. pela Comissão Machado de Assis). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1976, 3 v.

BERND, Zilá, CAMPOS, Maria do Carmo (orgs.). *Literatura e americanidade*. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982

CAIRO, Luiz Roberto. A crítica romântica brasileira e a nossa América: Varnhagen e Macedo Soares e o instinto de americanidade. In: *Espacios y discurso compartidos en la literatura de América Latina* (Org. Biagio D’Angelo). Lima: Fondo Editorial UCSS, 2004, p. 95-113.

CANDIDO, Antônio. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995, 3ª ed. Ver. E ampl., p. 17-39.

CÂNDIDO, Weslei Roberto. *O instinto de americanidade na poesia de Fagundes Varela (1841-1875)*. Assis, SP: Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, 2003.

FACIOLI, Valentim. Como ler Machado de Assis?. *Proleitura*, Assis, SP, ano 5, n. 21, p. 4-6, ago. 1998.

FERREIRA, Eliane Fernanda Cunha. *Para traduzir o século XIX: Machado de Assis*. São Paulo: Annablume; Rio de Janeiro: ABL, 2004.

LAJOLO, Marisa. Por um Machado sem medalhinhas. *Proleitura*, Assis, SP, n. 21, p. 1-3, ago. 1998. Entrevista.

SALOMON, Dêlcio Vieira. *Como fazer uma monografia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SANTOS, Gildenir Carolino Santos, PASSOS, Rosemary (coord.). *Manual de organização de referências e citações bibliográficas para documentos impressos e eletrônicos*. Campinas, SP: Autores Associados; Editora da Unicamp, 2000.

Bolsa: CNPq/PIBIC